

CRIMES CONTRA MULHERES

As mulheres continuam a ser as vítimas principais do tráfico humano e das indústrias da pornografia e da prostituição

2012 FOI UM ANNUS HORRIBILIS para as mulheres. Por onde começar? Talvez por Malala, a menina paquistanesa do vale do Swat que ficou com o cérebro desfeito e a cara deformada pelo tiro de um talibã, por se ter batido pelo direito de estudar. Malala deixou o hospital britânico onde voltará para múltiplas cirurgias reconstrutivas. Ou por Sharifa, que vive num campo de refugiados da Síria. Perdeu a perna quando a casa onde vivia foi bombardeada. Numa tenda de plástico, com as mãos gretadas e as unhas partidas e sujas, Sharifa diz que já não quer brincar, quer voltar a andar. As muletas fazem-lhe nódoas negras e custa-lhe caminhar num só pé para as casas de banho do campo. Grossas lágrimas deslizam. Quer ser professora. O coto está coberto de cicatrizes. Uma

///CLARA
///FERREIRA
///ALVES



operação num hospital improvisado. Em Sapeacu, no Brasil, Rebeca Bernardo vive num casebre. A mãe teve um acidente vascular e ficou paralisada, num catre. Rebeca não acabou a escola e foi vendedora de cosméticos e criada de mesa. Os 150 reais de salário não davam para pagar a quem tomasse conta da mãe. É ela que a vira, alimenta à colher. Nunca conheceu o pai e uma irmã morreu. Com 18 anos, Rebeca filmou-se no YouTube, com um top cor de rosa, leiloando a virgindade. Seguiu o exemplo da brasileira Catarina Migliorini, que se vendeu por 780 mil dólares num site australiano que procurava virgens. O negócio não se concretizou mas conseguiu contratos e muita publicidade, páginas na "Playboy" no Brasil. O site está a ser investigado por suspeita de tráfico de mulheres. Rebeca atraiu as atenções das televisões. Não é bonita. O vídeo teve 3 mil hits no primeiro dia. Rebeca usou o computador de um amigo. Uma cadeia de televisão ofereceu-se para pagar as despesas médicas da mãe, mas ela respondeu que queria também uma casa noutro lugar para poder mudar de vida. Em Sapeacu, tratavam-na como galdéria. Atiravam-lhe moedas. A atenção nacional gerou alguma simpatia. Rebeca chora na CNN e diz que não sabe o que fazer. Recebeu uma oferta de 70 mil reais. Entre acusadores e defensores está uma criança explorada que quis controlar a exploração. Na Índia, só em 2011, houve mais de 24 mil violações registadas. Uma por cada 22 minutos. O número das não registadas é maior. Violar mulheres é um desporto nacional. A violação de Jyoti Singh Pandey, uma estudante que acabou por morrer das lesões num hospital de Singapura, mobilizou a sociedade civil num país de que só se fala como um exemplo de turismo exótico, *Incredible India*, ou de milagre económico. Na Índia da corrupção e miséria endémicas, subdesenvolvimento humano e ausência de direitos, a nova classe média despertou da sua complacência. Jyoti foi vítima de violação por um gang, executada durante mais de uma hora. Foi também torturada e pene-

trada com uma barra de ferro que lhe destruiu a zona abdominal. Um crime de ódio de género, que acompanha muitas vezes a violação e que raramente é considerado. Enquanto Jyoti agonizava, outras mulheres suicidaram-se por causa de violações. No Paquistão e no Afeganistão, mulheres violadas podem ser condenadas a prisão, por terem manchado a honra e a religião. A violação por maridos e parentes é comum. Nos Estados Unidos, numa festa de estudantes da universidade, uma rapariga apareceu num vídeo, embriagada, com os braços e as pernas agarrados por dois rapazes. A violação foi comentada num vídeo. O caso chegou ao tribunal e agora a violação tornou-se "consensual", segundo a defesa.

Em Portugal (e no resto do mundo), nos canais do cabo, todos os dias uma série policial importada conta uma história de violência sexual e de género. As mulheres são alvo de serial killers, psicopatas, criminosos, assassinos, sádicos, torturadores. Ou dos namorados e maridos. A ficção banalizou o crime, tornou-o tão 'normal' como o uso de mulheres na publicidade para vender carros e produtos. Em Portugal, todos os anos morrem mais de duas dezenas de vítimas de violência doméstica. A agressividade tem vindo a aumentar. As mulheres continuam a ser as vítimas principais do tráfico humano e das indústrias da pornografia e da prostituição. O feminismo tradicional ignora largamente este estado de coisas e considera que o trabalho por direitos iguais acabou. Ainda mal começou.

Nota: Na Revista da semana passada, nos 40 Anos do Expresso, José António Saraiva conta a "sua" história do jornal revelando amnésia seletiva. Na verdade, quando ele diz que Joaquim Vieira foi essencial na recomposição da redação a seguir à sangria da fundação do jornal "Público" e que foi ele que "me segurou", foi exatamente o contrário. Nunca tencionei ir para o "Público" e fui eu, com José António Lima (que Saraiva nem menciona) que "segurámos" Joaquim Vieira, dando-lhe a direção da Revista que eu recusei. ●